

MENINOS BONS DE BOLA: GÊNERO, TRANSMASCULINIDADES E DEMARCAÇÃO DE ESPAÇOS NO CAMPO FUTEBOLÍSTICO

Maurício Rodrigues Pinto

*Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,
da Universidade de São Paulo – SP, maorodrigues@usp.br;*

Raphael Henrique Martins

*Homem trans, jogador de futsal amador e fundador do Meninos Bons
de Bola – SP, raphaelmartinslm@gmail.com;*

Heloisa Buarque de Almeida

*Professora doutora, docente do Departamento de Antropologia, da
Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) - SP, orientador@email.com.*

Resumo

O presente trabalho trata da trajetória do Meninos Bons de Bola (MBB), considerado o primeiro time de futebol do Brasil formado exclusivamente por homens trans* e pessoas transmasculinas. Esta história será guiada por descrições etnográficas realizadas por Maurício Rodrigues Pinto e o relato de história de vida de Raphael Henrique Martins, fundador do time e hoje um dos coordenadores do MBB. O time é criado em 2016, a partir da percepção de Raphael, à época orientador socioeducativo do Centro de Referência da Diversidade da cidade de São Paulo, da importância da constituição de espaços seguros para o encontro e a troca de vivências entre homens trans moradores da Grande São Paulo. Além de representar um momento de sociabilidade, lazer e de prática regular de uma atividade esportiva, neste trabalho conjunto buscamos refletir, dentre outras coisas, como o pertencimento a um time de futebol participa dos processos de autoafirmação identitária transmasculina e como as expressões

de (trans)masculinidades performadas por jogadores do MBB tensionam atributos de masculinidade – tais como o machismo, a competitividade viril e a LGBTfobia – que são reiterados no esporte, em especial em ambientes ligados à prática do futebol.
Palavras-chave: Transmasculinidades, Futebol, Gênero, Transfobia.

Introdução

Eu acho que [jogar bola] significava tudo para mim, porque é uma coisa, assim, que me deixava sempre bem, era um rolê que, tipo, tirava todo meu estresse, não deixava eu ficar pensando besteira e era um momento que eu me sentia mais livre, né? Eu me sentia muito preso e quando eu jogava futebol, eu sentia aquele vento batendo no meu rosto, eu suando. Correndo eu sentia uma sensação de liberdade, sabe. Então, pra mim, isso significava muito e eu comecei a descobrir que quando eu jogava, eu não ficava chateado, estressado, essas coisas, eu tava sempre feliz. Toda vez que eu sentia que ia ficar triste, ia jogar bola, nem que fosse lá no orfanato, nem que fosse correr, treinar sozinho, mas, eu jogava, sabe, porque era uma coisa que me deixava bem. Então, eu acho que mais ou menos desse jeito, foi que eu fui descobrindo essa minha paixão pelo futebol. (MARTINS, 2021a)

O presente artigo irá tratar da história do Meninos Bons de Bola (MBB), equipe de futsal amadora da cidade de São Paulo. O MBB é considerado o primeiro time de futebol formado exclusivamente por homens trans* e pessoas transmasculinas do Brasil.

Este trabalho se origina da convivência de quase quatro anos entre Maurício – homem cisgênero, heterossexual, negro de pele clara, historiador, atualmente doutorando em Antropologia Social na USP e que tem se dedicado a estudar dinâmicas de gênero e de masculinidades no contexto esportivo – e Raphael, homem trans, heterossexual, preto, educador social e fundador do Meninos Bons de Bola. Esta relação foi construída a partir de interações e diálogos durante treinos e jogos do MBB, assim como em encontros, debates ligados à defesa da diversidade sexual e de gênero no esporte.

Além de compartilharem a paixão pelo futebol – ainda que com algumas diferenças marcantes, dentre elas o fato de Maurício ser corinthiano e ter grande dificuldade de controlar a bola com os pés, e Rapha ser são paulino, bom de bola, daqueles que dificilmente recusam convites pra jogar uma bola –, outros vínculos entre ambos foram sendo construídos e a relação também ganhando outros sentidos, afetos, extrapolando uma mera relação “pesquisador – interlocutor”.

Para a realização deste trabalho, buscamos nos alinhar às premissas políticas e teóricas do transfeminismo (JESUS, 2013), em especial a crítica “ao imaginário social ligado à noção de uma separação morfológica rígida e imutável entre sexo e gênero”, que se constitui em fator de opressão e abjetificação/objetificação das pessoas trans (p. 10) e o reconhecimento “do histórico de lutas e das experiências pessoais e coletivas da população transgênero” (p. 12).

Uma das inspirações deste trabalho em co-autoria é o artigo realizado por Alexandre Peixe dos Santos e Fábio Morelli (2018), sobre o histórico do movimento de homens trans no Brasil na perspectiva de Xande Peixe, um dos mais importantes ativistas transmasculinos do país. Este trabalho se propõe a ser um resultado de trocas e compartilhamento de saberes, pela combinação de descrições e análises etnográficas realizadas por Maurício ao longo de três anos acompanhando o MBB, com as memórias e reflexões de Raphael Henrique, acerca de sua história de vida, a sua relação com o futebol e a trajetória do MBB.

É importante levar em consideração que o futebol é a prática esportiva de maior visibilidade no país e que por muito tempo foi reconhecido como um traço importante da identidade nacional. Historicamente os futebóis, formulação proposta por Damo (2008), tanto em sua matriz espetacularizada como em expressões mais lúdicas e bricoladas, têm-se caracterizado como redutos da masculinidade cisheteronormativa. Os reiterados discursos e expressões de masculinidade, baseados em noções de virilidade, competitividade e agressividade, são, muitas vezes, atravessados pelo machismo e a LGBTfobia, o que coloca desigualdades e barreiras no acesso à prática desta modalidade por mulheres e pessoas LGBTQIA+. Neste sentido, o surgimento do MBB pode ser considerado um marco ao propor um alargamento dos sentidos deste esporte pela reivindicação política de sujeitos transmasculinos serem reconhecidos como futebolistas e atores deste campo.

Metodologia

O ano de 2020, para Maurício, seria dedicado para a realização de uma etnografia dos treinos semanais do MBB, que aconteciam nos domingos à tarde, no Centro da cidade de São Paulo. Neste momento, já tinha direcionado as atenções da sua pesquisa para pensar nos

sentidos da prática esportiva por pessoas trans e, mais especificamente as articulações de grupos de homens trans para a constituição de times de futebol amadores. Tal decisão em parte se deveu à crescente discussão pública acerca de projetos de lei apresentados em assembleias legislativas do Brasil, que visam regular a participação de pessoas trans em competições esportivas oficiais¹, o que também traria repercussões nas vivências e atividades de pessoas trans que militam no esporte amador. No entanto, o decreto de estado de quarentena em São Paulo, a partir do final do mês de março, em decorrência da pandemia de Covid-19, interrompeu entre outras coisas a realização dos treinos semanais, impedindo também a realização do trabalho de campo presencial.

Já Raphael, além do trabalho rotineiro como educador social de crianças e adolescentes, vivia a expectativa de um ano cheio com o MBB, marcado pela expectativa de participação de jogos, campeonatos e eventos políticos, em meio a um processo de reformulações que passava o MBB, com integrantes mais antigos tendo deixado o time e novos jogadores ingressando no coletivo. Rapha, além de fundador do time, é um dos poucos remanescentes da formação original do MBB, por essa razão a sua perspectiva constitui-se central para uma compreensão da trajetória histórica do Meninos Bons de Bola e da importância que o time tem para jovens transmasculinos como ele, provenientes de diferentes partes da Grande São Paulo.

A interrupção dos treinos e das reuniões presenciais intensificaram as comunicações online, em especial no grupo fechado do time no WhatsApp. Com a autorização de Rapha e a concordância dos demais integrantes da equipe, Maurício pode ter acesso a participar

1 Em 02 de abril de 2019, era protocolado o PL-346/2019 na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. O projeto é de autoria do deputado estadual Altair Moraes (Republicanos/SP) e visa estabelecer o “sexo biológico como o único critério para definição do gênero de competidores em partidas esportivas oficiais no Estado”, regulando, assim, o direito de pessoas transexuais de participarem de competições oficiais realizadas no estado de São Paulo. Inspirados no PL-346, outros projetos de lei foram protocolados em assembleias legislativas estaduais – como Rio de Janeiro, Amazonas e o Distrito Federal – e também no Congresso Federal, onde foram protocolados três projetos de lei (PLs 2200/19, 2596/19 e 2639/19). O argumento de estabelecer o “sexo biológico” como critério definidor do gênero no esporte, na verdade acabaria por impedir que atletas trans pudessem competir dentro das categorias de gênero nas quais se autoidentificam, mesmo seguindo os parâmetros estabelecidos por organismos esportivos internacionais, como o Comitê Olímpico Internacional (COI).

deste grupo. As conversas entre ambos também se intensificaram e dessas trocas, surgiu o convite feito por Rapha para que Maurício se tornasse um dos moderadores da página do MBB no Instagram, rede social em que o time mantém uma página e divulga as suas ações.

Uma das ideias que surgiram dessas trocas foi a proposta de um exercício conjunto de construção de perfis de integrantes atuais do MBB para divulgação na página do time na rede social Instagram. Por meio de algumas perguntas-base propostas por Maurício, integrantes do time narraram suas relações com o futebol, como conheceram o MBB e se aproximaram do time, qual a importância do time em suas vidas e o que representava fazer parte de um coletivo e espaço de sociabilidade dirigido para homens trans. Além de uma possibilidade de dar sequência ao trabalho de campo e produzir conteúdos postados na página do MBB, este foi um exercício inicial de elaboração de narrativas biográficas de integrantes do MBB.

Diante da incerteza de quando seria seguro retomar as atividades presenciais, em 2021 Maurício fez a Rapha a proposta de realização de uma entrevista mais extensa, para que ele pudesse lembrar e trazer a sua visão sobre a história do Meninos Bons de Bola. A opção metodológica pela realização de entrevista de história oral de vida, deve-se justamente por esta privilegiar a subjetividade, os pontos de vista e sentimentos da pessoa narradora, do que a mera obtenção de dados objetivos (TONINI, 2016, p. 196). A proposta dessa entrevista era a de ter um registro das reflexões de Raphael sobre suas relações com o esporte, e mais especificamente com o futebol, os tensionamentos enfrentados durante vivências esportivas (de gênero, sexualidade, mas também de classe, raça e outros marcadores sociais da diferença) e por meio de que estratégias foi possível reelaborar as suas vivências com o jogo. Ademais, buscava-se também compreender o significado de fazer uma equipe de futebol com pessoas que partilham de uma mesma identidade e que lidam com questões semelhantes.

Outro ponto importante nesta opção metodológica pela história oral é a possibilidade de construção de conhecimento a partir de um trabalho de “colaboração”, “ação de trabalhar junto”, conforme proposto por Meihy (2005), que envolve a pessoa entrevistadora (Maurício) e a pessoa entrevistada (Raphael). Para Tonini (2016, p. 223), fazendo menção às reflexões de Meihy (2005) e Meihy e Ribeiro (2011): “A colaboração pressupõe o ‘diálogo’ entre pesquisador e narrador, o estabelecimento de ‘uma relação de compromisso entre as

partes', "a existência de uma relação pessoal e subjetiva", a partir da qual se produzirá "um trabalho de pesquisa de fundo social".

Seguindo uma linha de diluição das fronteiras que separam pesquisador e interlocutores de pesquisa, é importante a reflexão proposta por Cornejo (2015) sobre como "o encontro etnográfico [construído] em termos de amizade pode contrariar o impulso de fazer as teorias dos etnógrafos sempre prevalecerem sobre aquelas do informante" (p. 140). É deste vínculo, das trocas de saberes e dos diálogos mantidos antes, durante e depois da entrevista que surge a ideia da escrita em co-autoria deste artigo e da participação conjunta neste congresso.

A entrevista de Raphael concedida a Maurício foi feita em dois momentos (MARTINS, 2021a; 2021b), ambas de forma remota: a primeira parte, no dia 29 de janeiro, foi mais focada na sua história de vida e na relação com o futebol antes da constituição do MBB. Raphael nasceu em São Paulo e passou boa parte da infância e adolescência em um orfanato, após a sua mãe biológica, que tinha problemas de dependência química, ter perdido a guarda de Raphael e de seu irmão mais novo. No orfanato descobriu o gosto pelo futebol, que foi crescendo à medida que tinha a possibilidade de jogar bola em outros espaços, como na escola. Na adolescência, Rapha foi adotado por uma família que residia na Zona Leste de São Paulo, teve a oportunidade de jogar em categorias de base de times femininos. Nessa experiência começou a se deparar com tensionamentos de raça, classe, gênero e sexualidade, que o fizeram se sentir "desgostoso" e se distanciar da prática do futebol.

A partir daí eu fui, como que eu posso dizer, saindo aos poucos do armário, conhecendo de fato o mundo. Porque eu não sabia pegar metrô, não sabia pegar o ônibus, não sabia ir de um bairro para outro, assim, sabe, às vezes eu não sabia andar nem no meu bairro... Comecei a expandir meus conhecimentos e aí conheci outras pessoas, né, lésbicas, gays, travestis... Comecei a entender melhor sobre todas as questões e aí me assumir como lésbica. Só que aí eu sentia que ainda faltava alguma coisa, né? E aí eu fui ver novamente os vídeos de um menino trans que era lá do Estados Unidos, que falava sobre a transição. E aí eu comecei a acompanhar mais de perto ele e fui me identificando... Então, eu saí do futebol justamente por causa disso, porque na época não podia cortar o cabelo, elas

não aceitavam esse rolê de corte de cabelo, porque a gente tinha que ter o cabelo grande e quando eu cheguei com o cabelo curto foi o maior alvoroço lá. A partir daí, eu saí, acabei saindo fora, porque eu falei que eu não ia conseguir ficar no espaço que não me aceita da forma que eu era. Foi a partir daí que eu saí do Juventus e acho que fiquei um pouco mais desgostoso com o futebol. (MARTINS, 2021a)

Já a segunda parte da entrevista foi realizada em 17 de março de 2021, e nela Rapha reconstituiu suas lembranças do trabalho no Centro de Referência da Diversidade (CRD) da cidade de São Paulo, experiência importante na sua autoidentificação como homem trans. Foi durante o trabalho no CRD, que Rapha teve a ideia de organizar um encontro entre homens trans como ele, tendo como o mote o futebol. Os encontros aos domingos se repetiram e assim, surgiu o Meninos Bons de Bola, o que fez com que Raphael redescobrisse a paixão pelo futebol.

Neste segundo encontro, Rapha também lembrou a trajetória do MBB, refletiu sobre as dificuldades que a equipe e seus integrantes enfrentaram ao demarcar a sua presença no campo futebolístico, em especial as tensões encontradas dentro do circuito do “futebol LGBT” e ambos trocamos impressões sobre momentos marcantes que vivenciamos da história do time.

A partir da narrativa de história de vida Raphael, a seguir analisaremos mais detidamente alguns dos pontos que foram debatidos acerca da trajetória do MBB, dos significados da construção de um espaço de sociabilidade e autodeterminação de homens trans e das disputas políticas que envolvem a existência de um time de futsal amador formado por homens trans e pessoas transmasculinas em um espaço ainda caracterizado pela reiteração de expressões de masculinidade hegemônica e pela cisnormatividade.

Resultados e discussão

A partir do momento que eu me reconheci como homem trans, veio essa necessidade de conhecer outras pessoas iguais a mim. Eu comecei a pesquisar grupos no Facebook, WhatsApp, tal, essas coisas. E acabei entrando nesses grupos, e aí eu fui perguntando: “Ô, cê gosta de fazer o quê? O que vocês fazem

e tal?”. Então, tipo, além de perguntar de hormônio, cirurgia, eu perguntava sobre o que eles mais gostavam de fazer. E aí a partir do que eles traziam, eu conversava muito com a psicóloga da época [que trabalhava no CRD], e falava pra ela: “Mano, o pessoal gosta disso aqui, o pessoal gosta daquilo ali. E o que a gente pode tá fazendo?” E aí, em um dos grupos do WhatsApp que eu estava, o pessoal tava pensando em fazer um piquenique e jogar bola. E aí, eu falei: “Mano, eu sempre joguei futebol, eu tô com maior saudade de jogar futebol, cês topam, tipo, jogar um futebol e a gente fazer uma roda de conversa?”. E aí a maioria disse que sim. Eu conversei com essa psicóloga, perguntei se ela poderia estar presente no dia. E aí foi quando a gente viu com eles qual seria o melhor dia e eles falaram que era no domingo, né? E aí foi quando a gente marcou esse futebol, com a roda de conversa, e compareceu bastante homens trans, com seus familiares, namoradas... E a partir daí, mano, a gente percebeu a necessidade, do quanto era importante ter um espaço só nosso, sabe, por mais que a gente pense que não é legal a gente ficar numa bolha só nossa. Mas que naquele momento era muito necessário isso, porque eles tavam pedindo, precisavam desse espaço pra poderem ser eles mesmos. Durante a semana, a gente foi conversando pelo grupo do Whats, os moleques falavam o quanto que era importante a gente continuar esse trabalho, porque pra eles tinha sido o melhor domingo. E aí, eu perguntei: “Mano, mas vocês querem o quê? Cês querem jogar futebol, vôlei, handebol?” Eles falaram: “Não, mano. A gente quer jogar futebol”. E aí casou muito com o meu sonho, que era jogar num time que me aceitasse. Então, eu falei: “Mano, por que não montar um time só de homens trans?” E foi daí que começou essa relação do futebol com o mundo trans. “Vamos jogar?” “Vamos, vamos”. E a gente começou os treinos. A partir daí surgiu o Meninos Bons de Bola (MARTINS, 2021b).

Foi dessa forma que Rapha lembrou e reconstituiu o encontro ocorrido no dia 26 de agosto de 2016, uma manhã de domingo, em uma das quadras de futsal do Parque da Juventude (situado no bairro do Carandiru, na Zona Norte de São Paulo) e que reuniu cerca de quinze homens trans. Foi a partir deste encontro, articulado por

Rapha com o apoio de uma psicóloga com quem trabalhava à época no CRD, e dos contatos que foram mantidos posteriormente entre os participantes daquela reunião, que surgiu o Meninos Bons de Bola, com a proposta de ser um time de futebol formado exclusivamente por homens trans.

É possível pensar a constituição do MBB, a partir da reflexão de Patricia Hill Collins (2019) acerca dos espaços seguros de autoafirmação, gestados por mulheres negras e afroamericanas estadunidenses, que se constituíram em “locais privilegiados de resistência à objetificação como o Outro” (HILL COLLINS, 2019, p. 240). Além da autoafirmação política, que protege e fortalece diante imagens de controle que os discursos da cisgeneridade tentam impor às vivências trans e gênero-diversas, o pertencimento a um time, um coletivo formado exclusivamente por homens trans e pessoas transmasculinas, e a sociabilidade construída em torno do futebol possibilita a construção de laços de amizade que ampliam possibilidades sociais e afetivas desses sujeitos (CORNEJO, 2015).

Pisani (2018), em sua etnografia com mulheres jogadoras de futebol na cidade de São Paulo, destaca a importância do pertencimento a um time de futebol para suas interlocutoras, sobretudo em se tratando de jovens que vivem em situação de vulnerabilidade e, muitas vezes, expostas a situações de violências de gênero, sexualidade, raça e classe:

Apesar de a violência contra mulher ser evidente e cada vez mais presente em nossa sociedade, é preciso que se compreenda o fenômeno a partir de uma perspectiva mais geral e que se aponte estratégias de sobrevivência e de superação – das violências físicas e simbólicas – elaboradas por mulheres – sejam elas negras ou brancas; crianças, jovens ou adultas; lésbicas ou heterossexuais; moradoras da periferia ou do centro da cidade; das classes mais baixas ou mais altas da sociedade brasileira. Foi a partir de conversas com as atletas que compõem essa etnografia que pude vislumbrar o quão significativo é pertencer a uma equipe de futebol. Estar inserida em uma rede de apoio auxilia na superação das dificuldades da vida e ajuda a ressignificar o lugar delas no mundo. (PISANI, 2018, p. 188, grifos meus)

Ao comentar sobre os sentimentos experimentados naquele primeiro encontro com outros homens trans, Raphael se recorda dos motivos que o levaram a desistir do sonho de ser um jogador de futebol, mas também fala de como a experiência com aquele grupo, para além de possibilitar a retomada de uma paixão, era também importante no sentido de incorporar novas referências de transmasculinidades e de construção de uma visibilidade política para homens trans:

Eu acho que pra mim foi um momento muito mágico, de muito êxtase, sabe? Porque, tipo, eu não tava conseguindo acreditar que existiam pessoas iguais a mim. A partir do momento que eu comecei a olhar aquele monte de moleques chegando pro encontro, e com diversas fases da transição, fiquei só pensando: “Será que eu vou chegar até ali? Será que eu vou conseguir? Será que é isso mesmo?” E quando eu joguei futebol com esses moleques, eu olhei assim e falei: “Mano, é isso! Porque eu parei de jogar bola, sendo que eu tenho vários companheiros que podem seguir nessa trajetória junto comigo, né?” De vivenciar um sonho que foi barrado ali pra gente. Então, acho que aquele dia foi o melhor dia da minha vida, porque eu pude conhecer histórias, compartilhar a minha história e conhecer pessoas, né? E assim, são pessoas que compartilhavam os mesmos medos, as mesmas ansiedades, os mesmos sonhos, praticamente, que eu, sabe? Pra mim, aquele momento foi de muita importância, que eu agradeço bastante ao universo, porque eu acho que era um momento que tinha que acontecer, que tava precisando acontecer, pra gente se mostrar um pouco mais pra sociedade. Eu creio que a partir daí também, acho que não só com o futebol, mas com várias outras representações de homens trans, até mesmo pelo João Nery, os homens trans foram reconhecidos. Hoje ainda tá um pouco devagar, as pessoas esquecem um pouquinho da gente, mas ainda somos lembrados de alguma forma, né? Então esse momento pra mim foi muito importante mesmo. (MARTINS, 2021b)

Ao longo dos seus quase cinco de anos de existência, não foram poucas as vezes que o MBB lidou com dificuldades e resistências para poder seguir treinando e jogando. Uma das primeiras dificuldades encontradas pelo grupo inicial foi a de ter que negociar a presença e

uso da quadra pública onde se reuniam para jogar com outros usuários das quadras do parques, em sua maioria homens cisgênero. Mesmo tendo que lidar com diversas situações de transfobia e de desrespeito às suas identidades de gênero, Rapha acredita que esses primeiros momentos no Parque da Juventude foram importantes para a autoafirmação de muitos integrantes do time à época e fortalecimento do coletivo:

Quando o MBB foi fundado, a maioria dos moleques que estava no time não tinha ainda passado pela transição. Alguns tavam começando, outros ainda nem tinham começado. E era um momento totalmente diferente, né? Então, as pessoas que nos viam jogando, falavam: “Ó lá, um monte de sapatão jogando bola”. Sendo que pra nós era totalmente diferente. E quando a gente começou a ocupar a quadra ali do Carandiru e começou, mano, a se autoafirmar como homem, veio muita incomodação, assim, da parte de alguns usuários, que começaram meio que querer apertar a gente, pra gente sair fora. E aí foi quando a gente começou a bater o pé e falar: “Mano, daqui a gente não vai sair, porque é um espaço público e a gente tem o mesmo direito que todo mundo”. E foi quando a gente começou a perceber o quanto seria difícil a gente começar essa luta, né? Porque as pessoas iam vir pra cima e aí ia caber a gente, se a gente ia seguir em frente ou desistir, porque o mais provável pra gente era desistir, né? O tempo todo as pessoas fazem várias coisas pra gente...

Acabam convencendo a gente a desistir de qualquer outra coisa. E esse momento foi muito importante, porque a gente deu as mãos, a gente estava unido por um sonho só, que era ser jogador de futebol e fazer parte de um time. A partir daí, a gente começou a lutar pelo nosso direito. A gente foi ganhando espaço nesses lugares. Tinha meninas que acabaram vindo nos domingos pra jogar, treinar com a gente. Homens hétero também. E isso pra gente foi bem gratificante, porque a gente começou a perceber que a nossa luta tava fazendo jus, sabe? (MARTINS, 2021b)

Parte desse processo de conquista de espaços se deu graças à visibilidade que o time teve, a partir da presença de matérias que davam destaque ao fato do MBB ser o primeiro time no Brasil formado exclusivamente por homens trans. Tal visibilidade possibilitou

ao time parcerias que possibilitaram, em um primeiro momento, a cessão de uma quadra para uso exclusivo do MBB e a realização dos treinos semanais e, posteriormente, um apoio financeiro que permitiu a locação de uma quadra de futsal, no bairro da Luz (centro de São Paulo), que se tornou a última base dos encontros dominicais de integrantes do MBB até a pandemia.

Além disso, o time passou a ser convidado para participar de torneios de futebol que reuniam “times LGBT”. Em sua maioria, os times participantes eram formados por homens cisgêneros gays. O primeiro torneio que o MBB participou foi o Jogos da Diversidade, em 2017, realizado no Complexo Esportivo do Ibirapuera. Este evento integrou a programação da Parada LGBT de São Paulo do mesmo ano, tendo sido realizado na véspera da parada.

Para Maurício, aquele evento foi muito significativo, pois era a primeira vez que assistia o MBB jogando – à época, nem pensava em desenvolver uma pesquisa que tratasse das relações entre pessoas trans e esportes. Já para Rapha, aquele evento acabou sendo marcante por diferentes fatores. Dias antes do torneio, havia realizado a mastectomia e por essa razão não pode atuar junto com os seus colegas de time, desempenhando na ocasião as funções de técnico. A memória deste evento para Raphael é atravessada por sentimentos conflitantes, desencadeadas, principalmente pela transfobia que ele e seus colegas vivenciaram ao longo dos jogos. Foi neste momento em que Rapha sentiu na pele a dificuldade de aceitação de homens trans e pessoas transmasculinas mesmo em ambientes que se apresentam como inclusivos e propagandeam a “diversidade”:

Por um lado eu estava feliz, porque eu tinha realizado o meu sonho, que era de fazer a mastectomia. Mas, por outro lado, eu tava triste em não poder colaborar com o time e estar colaborando ali só na organização, fazendo parte da equipe técnica. Pra mim foi bem difícil, assim, porque em vários momentos eu queria estar jogando, eu queria tá lá dentro. Tipo, quando eu via outro time chamando: “Ah, marca a menina. Vamos ganhar delas”. Essas coisas me subiram bastante. Pra mim, assim, acho que foi um dos piores momentos do MBB, de você estar ali e não poder fazer nada, sabe? E foi quando, tipo, eu percebi que a gente tinha que ir além do futebol, que não era só a gente ir lá, treinar, jogar futebol e participar de campeonato. Que a

gente teria que levar o conhecimento pra essas pessoas, porque se elas entendessem logo de primeira o quanto machuca o preconceito delas para com a nossa pessoa, principalmente vindo da comunidade LGBT, elas jamais iriam fazer isso, né? Pra mim, foi um momento de alegria por ter conseguido chegar até ali, por participar de um campeonato, por a gente ter sido um time, mas por outro lado foi um momento de desgosto, sabe? De falar: “Porra, mano, a minha vontade mesmo era entrar na quadra e sair socando todo mundo, sabe? Mano, por que cê tá fazendo isso? Porque tá sendo idiota, tá ligado? Não é campeonato masculino, por que então cê fica chamando o cara de menina, tá ligado?” Mas aí eu me segurei bastante, eu acho que até mesmo pros moleques olharem assim e ver que, mano, independente da gente estar ganhando, perdendo ou de estar sofrendo transfobia ou não, a gente tá aqui, sabe? Eu tenho certeza que se um fosse pra cima de alguém, os outros também iriam. E não foi pra isso que eu criei o time, sabe? A gente naquele dia reivindicou, falou o que a gente sofreu e ganhou o terceiro lugar, mas assim... No momento da comemoração, a gente até que ficou um pouquinho feliz, mas na hora de ir embora a gente veio falando muito sobre isso, de como a comunidade LGBT não tava preparada pra receber o nosso público. Que a gente ia ter que ser muito forte, porque ia sofrer mesmo, tá ligado? Hoje mesmo eu tava olhando ali as medalhas que a gente já ganhou e toda vez que eu olho pra essa medalha da Copa da Diversidade, eu sinto muita raiva, porque a gente ganhou o bagulho não porque a gente jogou bem, não porque a gente chegou às quartas-de-final, mas porque a gente teve que denunciar uma transfobia. Então, eu meio que falo que é a medalha da resistência, porque nas outras vezes, a gente conquistou num jogo limpo, num jogo gostoso e saudável. (MARTINS, 2021b)

Tais situações de transfobia e desrespeito às identidades de gênero dos jogadores do MBB foram vividas em outros jogos e eventos com a participação de times gays. Em outra passagem da entrevista, Raphael explica o porquê do incômodo com a transfobia proveniente de pessoas da comunidade LGBTQI+ e justifica a resistência que hoje existe por parte do MBB em jogar contra tais times – à exceção de jogos e eventos que contem com a participação de times considerados

aliados, dentre eles algumas equipes formadas por mulheres, times mistos (formados por homens e mulheres, cis e trans, de diferentes orientações sexuais) e times gays inclusivos para pessoas trans. Nessa fala fica também evidente que mesmo neste “futebol LGBT” são emulados certos padrões e expressões masculinidade comumente performatizadas no contexto futebolístico, alinhadas com o cissexismo e “a crença de que identidades e expressões cisgêneras são mais valorizadas [legítimas] que as trans” (VERGUEIRO, 2016, p. 263).

Eu acho que é por isso que a gente não participa mais de campeonato, sabe? Porque a gente fugiu de um padrão de futebol pra tentar ir pra outro lugar possível de futebolis e a gente acaba encontrando a mesma coisa que acha no padrão. Então, o melhor é a gente jogar entre nós mesmo, porque a gente sabe que a gente não vai se machucar, que a gente não vai se ofender, que às vezes pode ter ali o calor do futebol, “Ah, vá tomar no cu...”, mas depois a gente vai estar conversando de boa, sabe? É diferente dos campeonatos, porque toda vez tem um que joga piada, toda vez tem um que quer chutar canela, quer bater. “Ah, cê não quer ser homem? Não quer jogar bola? Então, aguenta a pressão”. Vem com aqueles jogos de corpo bem agressivos, sem necessidade... É um rolê que, mano, eu fico pensando muito. É algo que eu acho que eu vou precisar entender melhor, estudar mais, porque pra mim, assim, ainda é muito constrangedor esse espaço do futebol. (MARTINS, 2021b)

Considerações finais

Para concluir este trabalho, é importante destacar o papel que o futebol e o fazer parte de um time, um coletivo exclusivo para homens trans, tem para a formação de Raphael e para o seu entendimento como homem trans. Retoma-se aqui novamente Patricia Hill Collins (2019) quando ela se refere à importância de espaços seguros para que mulheres negras se expressem livremente e assim construam suas estratégias de resistência: “Ao promover o empoderamento das mulheres negras por meio da autodefinição, esses espaços seguros as ajudam a resistir à ideologia dominante” (COLLINS, 2019, p. 241).

Face os muitos tensionamentos e enfrentamentos de normas de gênero, sexualidade, raça e classe, com os quais teve de se deparar ao

longo de sua história de vida e na trajetória com o MBB, Raphael, um homem trans que “só queria jogar bola com pessoas que se identificavam igual a ele”, reconhece o quanto essas experiências, somado ao fato de formar uma nova família, um coletivo com os seus – a “família MBB – o transformaram politicamente e como pessoa.

Concluímos este artigo, com a fala de Raphael sobre a importância de levar a história do MBB para além das quatro linhas, para que ela alcance um universo mais amplo de pessoas:

Eu só queria jogar bola. Eu só queria jogar bola e jogar bola com outras pessoas que se identificavam igual a mim. Só que através do futebol, a gente foi percebendo todas essas problemáticas. A gente foi percebendo o quanto era necessário falar, discutir sobre todas essas questões e aí foi quando a gente começou a ir para além do futebol, né? Tipo, discutir mais sobre identidade de gênero, falar pras pessoas o que seria uma pessoa trans, de reivindicar os espaços que as pessoas estavam negando pra gente. Eu acho que o futebol trouxe uma visão totalmente mais ampla do que real acontece, porque, pra mim, antes era tudo um arco-íris, tudo bonito, maravilhoso. E depois que eu comecei nos Meninos Bons de Bola, eu percebi que não era nada disso, era um rolê totalmente, um espaço totalmente transfóbico, homofóbico, sabe? A gente não tem por onde escapar, a não ser tentar sensibilizar essas pessoas. E foi a partir daí que eu comecei a falar um pouco mais, perder esse meu medo de falar, porque eu sou uma pessoa que não gosto de falar em público. Toda vez que eu tenho que falar, tenho que ensaiar muito, porque eu fico nervoso. Eu não gosto de estar na mídia, essas coisas. Mas a partir daí eu comecei a perceber a importância, que eu tinha de falar. E quando eu comecei a falar sobre os Meninos Bons de Bola, dar entrevista, fui percebendo o quanto tinha pessoas que apoiavam o time e tinha esse lance de admiração, de apoio... E aí foi onde eu comecei a ver que fazia sentido a gente não só jogar futebol, mas também falar para além do futebol. A gente não precisava estar só no mundo do futebol. A gente precisava levar um pouquinho da nossa história, do conhecimento, pra essas pessoas. (MARTINS, 2021b)

Referências

CORNEJO, Giancarlo. “Por uma pedagogia queer da amizade”. In *Âskesis*, v. 4 n. 1 pp. 130-142, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2019.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

JESUS, Jaqueline Gomes de.

MARTINS, Raphael Henrique. Entrevistas concedidas a Maurício Rodrigues Pinto em: 29 de janeiro de 2021 (a); e 17 de março de 2021 (b).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

PEIXE, Alexandre; MORELLI, Fábio. “Homens do Futuro”: o movimento de homens trans no Brasil sob o olhar de Xande Peixe. In: GREEN, James N et al. (orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda Editorial, 2018.

PISANI, Mariane da Silva. “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

TONINI, Marcel Diego. *Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu*.

Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L. (orgs). Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>>.